

Haroldo Hollanda

Posição de Sarney é de toda a Nação

O discurso pronunciado na abertura da Assembléia-Geral das Nações Unidas pelo presidente José Sarney mereceu, em Brasília, elogios gerais dos políticos, especialmente da ênfase por ele dada aos problemas inerentes ao pagamento da dívida externa brasileira. Nisso o Presidente da República reflete uma posição que não é só do governo, mas dos mais amplos setores da sociedade brasileira. O Brasil se dispõe a honrar os compromissos assumidos perante os banqueiros internacionais, mas reclama um tratamento diferenciado não só para ele como para as demais nações do chamado Terceiro Mundo, as quais atravessam período de dramáticas aflições.

Deputados do PMDB, da Frente Liberal e do próprio PDS exaltaram os termos do pronunciamento presidencial. O deputado Nadir Rossetti, do PDT, refletindo a posição política do seu grupo, no qual se inclui o governador Leonel Brizola, diz não acreditar nos resultados práticos do discurso. Lembra que, anteriormente, o falecido presidente João Goulart e, mais recentemente, o ex-presidente João Baptista Figueiredo fizeram discursos semelhantes ao de Sarney. Tanto no caso de Goulart como no de Figueiredo, ambos — segundo Rossetti — reclamaram por uma ordem econômica mais justa e os efeitos obtidos foram nulos. No entanto, entre os políticos do PMDB e da Frente Liberal há a expectativa de que transformações importantes tenham se operado no espírito não só dos dirigentes políticos das grandes nações desenvolvidas, como também das elites que comandam o sistema financeiro internacional.

O presidente Sarney, na sua fala, foi bastante categórico em várias passagens: sem uma compreensão maior por parte das nações desenvolvidas, fica difícil, senão extremamente embaraçoso realizar os esforços que diferentes povos da América Latina promovem no momento visando a reconstrução democrática das suas instituições. Sarney chegou a ser, extremamente incisivo em suas palavras, embora jamais tenha perdido a posição de equilíbrio. Mas lembrou que o nosso povo está chegando "ao limite do suportável". Fez ver que, "mesmo a persistir nossa trajetória atual de crescimento, somente em 1990 teremos recuperado a renda per capita que já havíamos alcançado em 1980".

JORNAL DE BRASÍLIA

O Brasil se encontra num visível processo de empobrecimento. O nosso País, a exemplo da Argentina, do México e da Venezuela, tenciona pagar a dívida contraída. Mas dentro de parâmetros que se compatibilizem com a capacidade dos nossos povos, submetidos nesta fase a duras provações, decorrentes de uma situação econômica adversa. Advertiu o nosso presidente que o Brasil não deseja nem pretende transformar a dívida externa numa questão ideológica. Lembrou Sarney que os compromissos do Brasil são com o Ocidente e com a economia do livre mercado, porque tem consciência de que quando ela desaparece também se extingue a liberdade. Apenas, o Brasil pretende, sem motivações políticas de outra natureza, obter uma ordem econômica internacional mais justa e equânime para atender aos sagrados interesses do povo brasileiro.

Em vários pontos do seu discurso, o presidente Sarney rememorou a obra de reconstrução democrática iniciada pelo povo brasileiro, em clima de concordia e de consenso. Para que essa obra se complete com êxito, necessário se faz que nossos parceiros internacionais tenham sensibilidade suficiente para perceber o quadro de vicissitudes econômicas e sociais pelo qual vem atravessando o nosso País.

O projeto político do presidente Sarney se acha substanciado nos seguintes pontos: recusa em princípio a recessão como incompatível com o projeto democrático e propõe em contrapartida promover o desenvolvimento econômico, como condição indispensável para que o País possa inclusive honrar os seus compromissos internacionais. O Brasil, em suma, recusa as teses clássicas de combate à inflação, contidas nos figurinos do FMI.

Aureliano não é candidato

Acompanhado do deputado Humberto Souto, primeiro vice-presidente da Câmara, o Ministro Aureliano Chaves esteve no último fim-de-semana em visita à cidade mineira de Montes Claros. Nos contactos públicos e privados ali mantidos, o ministro Aureliano Chaves afirmou por diversas vezes que não pretende disputar nenhum posto eletivo, pois considera que tem missão mais importante a cumprir.

Ainda a respeito de Aureliano: em Brasília, conversando com correlegionários seus, negou que esteja em seus planos assumir a presidência do Partido da Frente Liberal, em substituição ao senador Jorge Bornhausen.